

HUMANIDADES E CIÊNCIAS SOCIAIS:

Perspectivas
Teóricas,
Metodológicas
e de
Investigação

Luis Fernando González-Beltrán
(organizador)

VOL IV



EDITORA
ARTEMIS
2024

HUMANIDADES E CIÊNCIAS SOCIAIS:

Perspectivas
Teóricas,
Metodológicas
e de
Investigação

Luis Fernando González-Beltrán
(organizador)



EDITORA
ARTEMIS
2024

VOL IV



O conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons Atribuição-Não-Comercial NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0). Direitos para esta edição cedidos à Editora Artemis pelos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento, desde que sejam atribuídos créditos aos autores, e sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A responsabilidade pelo conteúdo dos artigos e seus dados, em sua forma, correção e confiabilidade é exclusiva dos autores. A Editora Artemis, em seu compromisso de manter e aperfeiçoar a qualidade e confiabilidade dos trabalhos que publica, conduz a avaliação cega pelos pares de todos manuscritos publicados, com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

Editora Chefe	Prof. ^a Dr. ^a Antonella Carvalho de Oliveira
Editora Executiva	M. ^a Viviane Carvalho Mocellin
Direção de Arte	M. ^a Bruna Bejarano
Diagramação	Elisangela Abreu
Organizador	Prof. Dr. Luis Fernando González-Beltrán
Imagem da Capa	Bruna Bejarano, Arquivo Pessoal
Bibliotecário	Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Conselho Editorial

Prof.^a Dr.^a Ada Esther Portero Ricol, *Universidad Tecnológica de La Habana “José Antonio Echeverría”*, Cuba
Prof. Dr. Adalberto de Paula Paranhos, Universidade Federal de Uberlândia, Brasil
Prof. Dr. Agustín Olmos Cruz, *Universidad Autónoma del Estado de México*, México
Prof.^a Dr.^a Amanda Ramalho de Freitas Brito, Universidade Federal da Paraíba, Brasil
Prof.^a Dr.^a Ana Clara Monteverde, *Universidad de Buenos Aires*, Argentina
Prof.^a Dr.^a Ana Júlia Viamonte, Instituto Superior de Engenharia do Porto (ISEP), Portugal
Prof. Dr. Ángel Mujica Sánchez, *Universidad Nacional del Altiplano*, Peru
Prof.^a Dr.^a Angela Ester Mallmann Centenaro, Universidade do Estado de Mato Grosso, Brasil
Prof.^a Dr.^a Begoña Blandón González, *Universidad de Sevilla*, Espanha
Prof.^a Dr.^a Carmen Pimentel, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Brasil
Prof.^a Dr.^a Catarina Castro, Universidade Nova de Lisboa, Portugal
Prof.^a Dr.^a Cirila Cervera Delgado, *Universidad de Guanajuato*, México
Prof.^a Dr.^a Cláudia Neves, Universidade Aberta de Portugal
Prof.^a Dr.^a Cláudia Padovesi Fonseca, Universidade de Brasília-DF, Brasil
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos, Universidade Federal da Grande Dourados, Brasil
Prof. Dr. David García-Martul, *Universidad Rey Juan Carlos de Madrid*, Espanha
Prof.^a Dr.^a Deuzimar Costa Serra, Universidade Estadual do Maranhão, Brasil
Prof.^a Dr.^a Dina Maria Martins Ferreira, Universidade Estadual do Ceará, Brasil
Prof.^a Dr.^a Edith Luévano-Hipólito, *Universidad Autónoma de Nuevo León*, México
Prof.^a Dr.^a Eduarda Maria Rocha Teles de Castro Coelho, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Portugal
Prof. Dr. Eduardo Eugênio Spers, Universidade de São Paulo (USP), Brasil
Prof. Dr. Eloi Martins Senhoras, Universidade Federal de Roraima, Brasil
Prof.^a Dr.^a Elvira Laura Hernández Carballido, *Universidad Autónoma del Estado de Hidalgo*, México



Prof.ª Dr.ª Emilas Darlene Carmen Lebus, *Universidad Nacional del Nordeste/ Universidad Tecnológica Nacional, Argentina*
Prof.ª Dr.ª Erla Mariela Morales Morgado, *Universidad de Salamanca, Espanha*
Prof. Dr. Ernesto Cristina, *Universidad de la República, Uruguay*
Prof. Dr. Ernesto Ramírez-Briones, *Universidad de Guadalajara, México*
Prof. Dr. Fernando Hitt, *Université du Québec à Montréal, Canadá*
Prof. Dr. Gabriel Díaz Cobos, *Universitat de Barcelona, Espanha*
Prof.ª Dr.ª Gabriela Gonçalves, Instituto Superior de Engenharia do Porto (ISEP), Portugal
Prof. Dr. Geoffroy Roger Pointer Malpass, Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Brasil
Prof.ª Dr.ª Gladys Esther Leoz, *Universidad Nacional de San Luis, Argentina*
Prof.ª Dr.ª Glória Beatriz Álvarez, *Universidad de Buenos Aires, Argentina*
Prof. Dr. Gonçalo Poeta Fernandes, Instituto Politécnico da Guarda, Portugal
Prof. Dr. Gustavo Adolfo Juarez, *Universidad Nacional de Catamarca, Argentina*
Prof. Dr. Guillermo Julián González-Pérez, *Universidad de Guadalajara, México*
Prof. Dr. Håkan Karlsson, *University of Gothenburg, Suécia*
Prof.ª Dr.ª Iara Lúcia Tescarollo Dias, Universidade São Francisco, Brasil
Prof.ª Dr.ª Isabel del Rosario Chiyon Carrasco, *Universidad de Piura, Peru*
Prof.ª Dr.ª Isabel Yohena, *Universidad de Buenos Aires, Argentina*
Prof. Dr. Ivan Amaro, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil
Prof. Dr. Iván Ramon Sánchez Soto, *Universidad del Bío-Bío, Chile*
Prof.ª Dr.ª Ivânia Maria Carneiro Vieira, Universidade Federal do Amazonas, Brasil
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz, *University of Miami and Miami Dade College, Estados Unidos*
Prof. Dr. Jesús Montero Martínez, *Universidad de Castilla - La Mancha, Espanha*
Prof. Dr. João Manuel Pereira Ramalho Serrano, Universidade de Évora, Portugal
Prof. Dr. Joaquim Júlio Almeida Júnior, UniFIMES - Centro Universitário de Mineiros, Brasil
Prof. Dr. Jorge Ernesto Bartolucci, *Universidad Nacional Autónoma de México, México*
Prof. Dr. José Cortez Godinez, Universidad Autónoma de Baja California, México
Prof. Dr. Juan Carlos Cancino Diaz, Instituto Politécnico Nacional, México
Prof. Dr. Juan Carlos Mosquera Feijoo, *Universidad Politécnica de Madrid, Espanha*
Prof. Dr. Juan Diego Parra Valencia, *Instituto Tecnológico Metropolitano de Medellín, Colômbia*
Prof. Dr. Juan Manuel Sánchez-Yáñez, *Universidad Michoacana de San Nicolás de Hidalgo, México*
Prof. Dr. Juan Porras Pulido, *Universidad Nacional Autónoma de México, México*
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Brasil
Prof. Dr. Leinig Antonio Perazolli, Universidade Estadual Paulista (UNESP), Brasil
Prof.ª Dr.ª Livia do Carmo, Universidade Federal de Goiás, Brasil
Prof.ª Dr.ª Luciane Spanhol Bordignon, Universidade de Passo Fundo, Brasil
Prof. Dr. Luis Fernando González Beltrán, *Universidad Nacional Autónoma de México, México*
Prof. Dr. Luis Vicente Amador Muñoz, *Universidad Pablo de Olavide, Espanha*
Prof.ª Dr.ª Macarena Esteban Ibáñez, *Universidad Pablo de Olavide, Espanha*
Prof. Dr. Manuel Ramiro Rodriguez, *Universidad Santiago de Compostela, Espanha*
Prof. Dr. Manuel Simões, Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto, Portugal
Prof.ª Dr.ª Márcia de Souza Luz Freitas, Universidade Federal de Itajubá, Brasil
Prof. Dr. Marcos Augusto de Lima Nobre, Universidade Estadual Paulista (UNESP), Brasil
Prof. Dr. Marcos Vinicius Meiado, Universidade Federal de Sergipe, Brasil
Prof.ª Dr.ª Mar Garrido Román, *Universidad de Granada, Espanha*
Prof.ª Dr.ª Margarida Márcia Fernandes Lima, Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil
Prof.ª Dr.ª María Alejandra Arecco, *Universidad de Buenos Aires, Argentina*
Prof.ª Dr.ª Maria Aparecida José de Oliveira, Universidade Federal da Bahia, Brasil
Prof.ª Dr.ª Maria Carmen Pastor, *Universitat Jaume I, Espanha*

Prof.ª Dr.ª Maria do Céu Caetano, Universidade Nova de Lisboa, Portugal
Prof.ª Dr.ª Maria do Socorro Saraiva Pinheiro, Universidade Federal do Maranhão, Brasil
Prof.ª Dr.ª MªGraça Pereira, Universidade do Minho, Portugal
Prof.ª Dr.ª Maria Gracinda Carvalho Teixeira, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Brasil
Prof.ª Dr.ª María Guadalupe Vega-López, *Universidad de Guadalajara, México*
Prof.ª Dr.ª Maria Lúcia Pato, Instituto Politécnico de Viseu, Portugal
Prof.ª Dr.ª Maritza González Moreno, *Universidad Tecnológica de La Habana, Cuba*
Prof.ª Dr.ª Mauriceia Silva de Paula Vieira, Universidade Federal de Lavras, Brasil
Prof.ª Dr.ª Ninfa María Rosas-García, Centro de Biotecnología Genómica-Instituto Politécnico Nacional, México
Prof.ª Dr.ª Odara Horta Boscolo, Universidade Federal Fluminense, Brasil
Prof. Dr. Osbaldo Turpo-Gebera, *Universidad Nacional de San Agustín de Arequipa, Peru*
Prof.ª Dr.ª Patrícia Vasconcelos Almeida, Universidade Federal de Lavras, Brasil
Prof.ª Dr.ª Paula Arcoverde Cavalcanti, Universidade do Estado da Bahia, Brasil
Prof. Dr. Rodrigo Marques de Almeida Guerra, Universidade Federal do Pará, Brasil
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares, Universidade Federal do Piauí, Brasil
Prof. Dr. Sergio Bitencourt Araújo Barros, Universidade Federal do Piauí, Brasil
Prof. Dr. Sérgio Luiz do Amaral Moretti, Universidade Federal de Uberlândia, Brasil
Prof.ª Dr.ª Silvia Inés del Valle Navarro, *Universidad Nacional de Catamarca, Argentina*
Prof.ª Dr.ª Solange Kazumi Sakata, Instituto de Pesquisas Energéticas e Nucleares (IPEN)- USP, Brasil
Prof.ª Dr.ª Stanislava Kashtanova, *Saint Petersburg State University, Russia*
Prof.ª Dr.ª Teresa Cardoso, Universidade Aberta de Portugal
Prof.ª Dr.ª Teresa Monteiro Seixas, Universidade do Porto, Portugal
Prof. Dr. Valter Machado da Fonseca, Universidade Federal de Viçosa, Brasil
Prof.ª Dr.ª Vanessa Bordin Viera, Universidade Federal de Campina Grande, Brasil
Prof.ª Dr.ª Vera Lúcia Vasilévski dos Santos Araújo, Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Brasil
Prof. Dr. Wilson Noé Garcés Aguilar, *Corporación Universitaria Autónoma del Cauca, Colômbia*
Prof. Dr. Xosé Somoza Medina, *Universidad de León, Espanha*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

H918 Humanidades e ciências sociais [livro eletrônico] : perspectivas teóricas, metodológicas e de investigação: vol. IV / Organizador Luis Fernando González-Beltrán. – Curitiba, PR: Artemis, 2024.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

Edição bilíngue

ISBN 978-65-81701-14-7

DOI 10.37572/EdArt_300424147

1. Ciências sociais. 2. Humanidades. I. González-Beltrán, Luis Fernando.

CDD 300.1

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422



PRÓLOGO

En este cuarto volumen de Humanidades y Ciencias Sociales: Perspectivas Teóricas, Metodológicas y de Investigación, mantuvimos el objetivo de ofrecer a los lectores obras de diferentes disciplinas que, desde sus propias trincheras, intentan el análisis de diferentes aspectos del ser humano y sus relaciones sociales.

De esta manera, el lector encontrará en este único lugar una gran variedad de temas científicos y autores, que de otro modo requeriría una enorme cantidad de trabajo para encontrar. Pero la obra no se limita a la diversidad disciplinaria: las investigaciones presentadas son urgentemente relevantes. Este volumen contiene 24 estudios agrupados en seis grupos temáticos:

Protección y Regulación de Derechos: Abrimos el libro con dos textos que exploran la protección de los derechos de los pueblos indígenas: el primer artículo aborda el encuentro y posterior choque cultural entre los pueblos indígenas Waorani, que habitan la selva tropical ecuatoriana desde hace más de 10.000 años, y la cultura occidental moderna, que llegó a través de los misioneros protestantes en los años sesenta. El segundo trabajo trae reflexiones sobre los derechos políticos, sociales y culturales de las mujeres indígenas en el norte del Cauca-Colombia. El tercer texto trae una importante discusión acerca de las reformas laborales brasileñas en las últimas décadas, con reducción de derechos y aumento de la desigualdad social y económica en el país. El cuarto artículo, sobre derecho penal, analiza la afectación de la figura jurídica del *actio libera in causa* en la determinación de la culpabilidad. El quinto texto trata de abusos contra la población LGBTQIA+ en Filipinas, y apunta a la necesidad de una intervención de los gobiernos para preservar derechos y para la necesidad de aprobación del proyecto de ley contra la discriminación en el Congreso del país. El texto final de esta sesión, de importante valor histórico, nos trae el resultado de una investigación que catalogó, utilizando fuentes judiciales, 109 Sesmarias¹ concedidas por la corona portuguesa, en el actual Triángulo Mineiro, entre 1772 y 1816.

Arte y lenguaje: Tener la capacidad de comunicar la experiencia humana a través del lenguaje y las artes es lo que da propósito y significado a la existencia y permite el desafío de motivar y cambiar mentes. El capítulo 7 examina las cartas del poeta brasileño Murilo Mendes a Guillermino César, enriqueciendo la comprensión de la literatura, la sociedad y la cultura brasileña de finales de los años 20 del siglo pasado. El capítulo 8 analiza cómo las innovaciones tecnológicas contribuyeron a la recuperación del patrimonio

¹ Sesmaria - sistema judicial creado por Portugal, a finales del siglo XIV, para regularizar la colonización en Brasil). Las Sesmarias fueron las primeras propiedades legales de tierra en Brasil - en ellas nacieron muchas ciudades y fortunas actuales.

cinematográfico, permitiendo un redescubrimiento de la cinefilia. Complementando y cerrando este tema, el capítulo 9 examina la relación técnico-artística que existe en el proceso de restauración de copias cinematográficas, y más específicamente el trabajo llevado a cabo por Acácio de Almeida en el contexto de la digitalización del cine portugués.

Aprendizaje – Adquisición y Transferencia de Conocimiento: Los capítulos 10 a 14 traen temas relacionados con el aprendizaje, tanto a nivel organizacional como en el contexto escolar. El capítulo 10 explora un tema original, en el sentido de que busca comprender, en el aprendizaje organizacional, el papel del aprendizaje informal. El texto 11 trae la temática de las universidades públicas como centros de innovación por sus actividades de docencia, investigación, y más recientemente como centros de transferencia de conocimiento y la tecnología. En la misma línea temática, el capítulo 12 explora las posibilidades didácticas de la herramienta WebQuest, que consiste en plantear una tarea o un problema a los estudiantes y proporcionarles una serie de recursos y orientaciones para que puedan resolverlo de forma autónoma y colaborativa. El capítulo 13 presenta un estudio que analiza el impacto del programa «Entender para leer, leer para comprender» en la promoción del desarrollo de la comprensión del lenguaje oral y el desarrollo de la comprensión y metacompreensión lectora em Portugal. El capítulo 14, que cierra esta sesión temática, aborda el importante tema del currículum oculto en el proceso de enseñanza-aprendizaje.

Emprendimiento, Cooperación y Desarrollo: Los cinco textos agrupados bajo el tema emprendimiento, cooperación y desarrollo aportan importantes reflexiones sobre: los factores que inciden en el ecosistema del emprendedor (cap. 15); la implementación de un proyecto de mejora continua en una empresa de transporte urbano en México (cap. 16) ; las formas de promover el desarrollo emprendedor sostenible en las regiones latino-americanas, desde el contexto de Perú y Colombia (cap. 17); una contribución sobre los diversos aspectos de las inversiones y la cooperación entre China y los países del centro y sur del continente americano, en particular, Guyana (cap. 18) y finalmente, el capítulo 19 trae un tema de importante valor filosófico-práctico, que es la propuesta de un Código de Ética para Gestores de Información.

Sostenibilidad y medio ambiente: el conjunto de artículos agrupados bajo el tema de sostenibilidad y medio ambiente traen diferentes perspectivas que son urgentes para la preservación ambiental, cómo presentar una propuesta sociopedagógica para construir un turismo acorde con los valores de la comunidad Guajira em Colombia, (cap.20), estudiar los gases de efecto invernadero y su relación con el cambio climático(cap. 21) y el uso del compostaje y de compuestos orgánicos para mitigar los impactos ambientales

y económicos de los desechos sólidos de la pesca, contribuyendo a la cadena pesquera, la agricultura local y el medio ambiente (cap. 22).

Salud y Rehabilitación: Los dos textos finales de este volumen realizan importantes aportes al área de la salud, la rehabilitación y los cuidados inclusivos, como la elaboración de planes de cuidados de enfermería para la prevención y tratamiento de úlceras por presión (cap. 23) y el relato de una importante experiencia inclusiva con jóvenes con discapacidad visual, basada en el diseño gráfico y la fotografía (cap. 24).

Intentamos, una vez más, haber representado lo más actual de las Humanidades y las Ciencias Sociales, y esperamos seguirlo haciendo en el futuro inmediato.

¡Les deseamos a todos una agradable lectura!

Luis Fernando González-Beltrán
Universidad Nacional Autónoma de México (UNAM)

SUMÁRIO

PROTEÇÃO E REGULAÇÃO DE DIREITOS

CAPÍTULO 1..... 1

ETHOS GUERRERO Y EVANGELIZACIÓN CRISTIANA: LOS INDÍGENAS WAORANI DEL ECUADOR

Susana Andrade

Patricio Trujillo

 https://doi.org/10.37572/EdArt_3004241471

CAPÍTULO 2..... 12

EL DERECHO A LA REIVINDICACIÓN POLÍTICA DE LA MUJER INDÍGENA AL NORTE DEL CAUCA-COLOMBIA

Alfredo Aranda Núñez

 https://doi.org/10.37572/EdArt_3004241472

CAPÍTULO 3..... 35

A CONSTRUÇÃO DE CRISES NO BRASIL E SUAS IMPLICAÇÕES PARA AS POLÍTICAS PÚBLICAS: UMA CONTRIBUIÇÃO AO DEBATE RECENTE DA REFORMA TRABALHISTA

Maria Gracinda Carvalho Teixeira

Pedro Henrique de Moraes Felisardo

Vinicius Gabriel da Cunha Gonçalves

 https://doi.org/10.37572/EdArt_3004241473

CAPÍTULO 4..... 57

SIGNIFICADO DE ACTIO LIBERA IN CAUSA Y DETERMINACIÓN DE LA CULPABILIDAD, EN JUECES Y FISCALES DE LIMA CENTRO

Jorge Luis Pineda Martinez

Jorge Luis Pineda Urbano

Herbert Martínez García

 https://doi.org/10.37572/EdArt_3004241474

CAPÍTULO 5..... 93

PREVALENCE OF ABUSE EXPERIENCED BY MEMBERS OF THE LGBTQ+ COMMUNITY IN THE PHILIPPINES

Dirb Boy O. Sebrero

 https://doi.org/10.37572/EdArt_3004241475

CAPÍTULO 6..... 103

SESMARÍAS

Rosa María Spinoso Arcocha

 https://doi.org/10.37572/EdArt_3004241476

ARTE E LINGUAGEM

CAPÍTULO 7..... 131

REGISTRO DE ERRÂNCIAS NA CORRESPONDÊNCIA DE MURILO MENDES PARA GUILHERMINO CESAR

Lúcia Sá Rebello

Luciano Rodolfo

 https://doi.org/10.37572/EdArt_3004241477

CAPÍTULO 8..... 147

REVOLUÇÃO DIGITAL: A RECUPERAÇÃO DO CINEMA E REDESCOBERTA DA CINEFILIA

Paulo Portugal

 https://doi.org/10.37572/EdArt_3004241478

CAPÍTULO 9..... 160

DIGITALIZAÇÃO DO CINEMA PORTUGUÊS: ACÁCIO DE ALMEIDA, UM CASO DE AUTORIA

Paulo Portugal

 https://doi.org/10.37572/EdArt_3004241479

APRENDIZADO – AQUISIÇÃO E TRANSFERÊNCIA DE CONHECIMENTO

CAPÍTULO 10..... 173

ORGANIZATIONAL LEARNING AND INFORMAL ORGANIZATIONAL LEARNING: A CONCEPTUAL ANALYSIS

Roba Elbawab

 https://doi.org/10.37572/EdArt_30042414710

CAPÍTULO 11..... 182

LA UNIVERSIDAD AUTÓNOMA DE QUERÉTARO, FRENTE AL RETO DE LA INNOVACIÓN Y LA TRANSFERENCIA DEL CONOCIMIENTO

Raúl Arturo Alvarado López

Alberto de Jesús Pastrana Palma

 https://doi.org/10.37572/EdArt_30042414711

CAPÍTULO 12..... 195

INVESTIGACIÓN DEL USO Y DIFUSIÓN DE LA WEBQUEST EN LA COMUNIDAD EDUCATIVA

Giuseppe Francisco Falcone Treviño

Zaida Leticia Tinajero Mallozzi

Joel Luis Jiménez Galán

 https://doi.org/10.37572/EdArt_30042414712

CAPÍTULO 13..... 257

COMPREENDER PARA LER. LER PARA COMPREENDER. UM PROGRAMA DE ENSINO EXPLÍCITO DA COMPREENSÃO DA LEITURA PARA O 2º ANO DE ESCOLARIDADE

Tânia Filipa Moniz Fernandes

 https://doi.org/10.37572/EdArt_30042414713

CAPÍTULO 14..... 276

EL CURRÍCULUM OCULTO Y LA REPRESENTACIÓN SOCIAL PRESENTES EN EL PROCESO DE ENSEÑANZA-APRENDIZAJE

Jesús Rivas Gutiérrez

María Dolores Carlos Sánchez

Georgina del Pilar Delijorge González

Christian Starlight Franco Trejo

Martha Patricia de la Rosa Basurto

Luz Patricia Falcón Reyes

José Ricardo Gómez Bañuelos

 https://doi.org/10.37572/EdArt_30042414714

EMPRENDEDORISMO, COOPERAÇÃO E DESENVOLVIMENTO

CAPÍTULO 15**291**

EL EMPRENDEDOR ECUATORIANO Y LOS FACTORES QUE INCIDEN EN SU ECOSISTEMA

Alexandra Auxiliadora Mendoza Vera

Pablo Edison Ávila Ramírez

Gina Gabriela Loor Moreira

Janeth Virginia Intriago Vera

María Judith Giler Saltos

Manuel Antonio Zambrano Basurto

Luis Javier Arteaga Wintong

 https://doi.org/10.37572/EdArt_30042414715

CAPÍTULO 16**305**

IMPLEMENTACIÓN DE MEJORA CONTINUA EN UNA EMPRESA DE TRANSPORTE URBANO

Zulma Sánchez Estrada

Jorge Noriega Zenteno

Jorge Carlos León Anaya

Saúl Rangel Lara

 https://doi.org/10.37572/EdArt_30042414716

CAPÍTULO 17 **310**

CARACTERÍSTICAS DEL DESARROLLO EMPRENDEDOR SOSTENIBLE UNA MIRADA DESDE EL CONTEXTO DE PERÚ Y COLOMBIA

Ana Judith Paredes Chacín

Enrique Alonso Castro Guzmán

Margot Cajigas-Romero

Fernando Tam-Wong

 https://doi.org/10.37572/EdArt_30042414717

CAPÍTULO 18 **340**

LAS INVERSIONES Y LA COOPERACIÓN ENTRE GUYANA Y CHINA

Javier Fernando Luchetti

 https://doi.org/10.37572/EdArt_30042414718

CAPÍTULO 19 **349**

PROPOSTA DE UM CÓDIGO DEONTOLÓGICO DOS GESTORES DE INFORMAÇÃO -
CONTRIBUTOS ÉTICOS E DEONTOLÓGICOS

Armando Malheiro

Milena Carvalho

Susana Martins

Paula Ochôa

Ana Novo

Maria Inês Braga

Sónia Estrela

Luís Borges Gouveia

Maria Beatriz Moscoso

 https://doi.org/10.37572/EdArt_30042414719

SUSTENTABILIDADE E MEIO AMBIENTE

CAPÍTULO 20 **368**

PROPUESTA SOCIOPEDAGÓGICA PARA CONSTRUIR UN TURISMO ACORDE CON
LOS VALORES DE LA COMUNIDAD GUAJIRA

Armando Alvarado Pacheco

 https://doi.org/10.37572/EdArt_30042414720

CAPÍTULO 21 **379**

LOS GASES DE EFECTO INVERNADERO Y SU RELACIÓN CON EL CAMBIO
CLIMATICO

Luz Elena Aguayo Haro

Blanca Gabriela Pulido Cervantes

María Elisa Escareño Espinosa

Elizabeth Aguirre Medina

Martha Patricia de la Rosa Basurto

José Ricardo Gómez Bañuelos

Jesús Rivas Gutiérrez

 https://doi.org/10.37572/EdArt_30042414721

CAPÍTULO 22395

COMPOSTAGEM: AGRICULTURA SUSTENTÁVEL, RECICLAGEM DE RESÍDUOS E PROTEÇÃO DOS RECURSOS HÍDRICOS

Silvia R. Moreira

Antônio C. C. Marchiori

Isabel F. P. Viegas

Silas B. Barrozo

Patrícia H. N. Turco

 https://doi.org/10.37572/EdArt_30042414722

SAÚDE E REABILITAÇÃO

CAPÍTULO 23413

ÚLCERAS POR PRESIÓN EN ADULTOS MAYORES DE UNA ESTANCIA GERIÁTRICA PERMANENTE

Claudia Marcela Cantú Sánchez

 https://doi.org/10.37572/EdArt_30042414723

CAPÍTULO 24429

TALLERES DE FOTOGRAFÍA PARA PERSONAS CON DISCAPACIDAD VISUAL, EXPERIENCIA EN EL HOGAR TALLER PARA CIEGOS ÁNGEL DE LUZ

Gina Paola Bayona Niño

Briyit Lizeth Jiménez Cáceres

Cristian Francisco Guerrero Jaramillo

Fredy Yesid Higuera Díaz

Tatiana Milena Muñoz Rondón

 https://doi.org/10.37572/EdArt_30042414724

SOBRE O ORGANIZADOR.....438

ÍNDICE REMISSIVO439

CAPÍTULO 7

REGISTRO DE ERRÂNCIAS NA CORRESPONDÊNCIA DE MURILO MENDES PARA GUILHERMINO CESAR

Data de submissão: 12/04/2024

Data de aceite: 24/04/2024

Lúcia Sá Rebello

Universidade Federal do
Rio Grande do Sul
Porto Alegre - RS

<http://lattes.cnpq.br/9811706656418862>

Luciano Rodolfo

Colégio Kennedy
Porto Alegre - RS

<http://lattes.cnpq.br/8570721673018795>

RESUMO: Este texto oferece uma análise concisa sobre a história e a relevância das cartas no mundo ocidental, além de examinar as tendências emergentes na comunicação contemporânea. No contexto das cartas de Murilo Mendes, é realizado um estudo dos relatos de suas “errâncias” em correspondências dirigidas a Guilhermino Cesar.

PALAVRAS-CHAVE: Murilo Mendes. Guilhermino Cesar. Correspondência. Literatura epistolar. Cotidiano.

WANDERS REGISTER IN
CORRESPONDENCE FROM MURILO
MENDES TO GUILHERMINO CESAR

ABSTRACT: This paper aims to present a short reading about the history and importance of epistolary documents in Western level, it also reflects on the new tendencies of contemporary communication. As far as Murilo Mendes's, an analysis is fulfilled on the registers of his wanders in epistolary correspondence to Guilhermino Cesar.

KEYWORDS: Murilo Mendes. Guilhermino Cesar. Correspondence. Epistolary literature. Daily life.

1 DE CARTAS E DE MÚLTIPLAS POSSIBILIDADES DE ESCRITA

As transformações sociais, políticas e econômicas que ocorreram no mundo ocidental, a partir do século XVIII, trouxeram consigo uma redefinição das formas de expressão e participação do indivíduo na sociedade. Embora a prática de escrever cartas tenha uma longa história, foi nesse novo contexto social que a comunicação escrita entre pessoas adquiriu novos significados e importâncias. Enquanto na Idade Média o coletivo predominava sobre o individual, na

modernidade, o ser humano passou a desfrutar de maior liberdade, buscando construir uma identidade própria, destacando sua singularidade e encontrando espaço para preservar sua memória.

Em relação à carta em si, é amplamente aceito entre os estudiosos desse tipo de correspondência a ideia de que os textos epistolares têm como principal objetivo a comunicação. Isso é bastante evidente, considerando que essa prática é essencialmente um diálogo entre duas pessoas. No entanto, do ponto de vista analítico, uma carta pode ser vista como um documento de grande importância não apenas para os indivíduos envolvidos na troca de correspondência, mas também, ou até mesmo principalmente, para as gerações futuras. Muitas vezes, uma carta vai além da simples transmissão de notícias pessoais ou do cotidiano e adentra de forma explícita em diversas áreas do conhecimento.

A intencional produção de correspondências e a escrita sistemática desse gênero de documento diminuíram significativamente com a ascensão da internet e suas diversas formas de expressão do indivíduo no mundo virtual. As novas tecnologias, de maneira positiva, ampliaram as possibilidades de comunicação entre as pessoas. É inegável que houve um aumento significativo nas formas de interação social. Contudo, entre os estudiosos que se baseiam principalmente em textos como fonte de pesquisa, há um consenso de desconsideração por essas novas formas de autoexpressão devido à sua natureza inerentemente efêmera.

Por mais paradoxal que seja, o homem contemporâneo vive sob a égide de uma dicotomia desconcertante, isto é, a aproximação instantânea e o distanciamento compulsório. Nas grandes cidades ou nas lonjuras de um local ermo, o homem, mais do que nunca, pode se comunicar, a despeito de fazê-lo, muitas vezes, de maneira superficial, fria e inócua. Perto demais de tudo e de todos, o sujeito quase não percebe seu real distanciamento em relação ao outro, nem tampouco a perda das relações interpessoais vivas na rapidez delirante do dia a dia.

No entanto, apesar de todas as críticas legítimas que venham a ser feitas aos usos e abusos das novas tecnologias à disposição do homem, faz-se necessária, também, uma observação sobre as benesses dessas práticas discursivas no que tange à instantaneidade da informação, bem como no encurtamento de distâncias. Além disso, há estudiosos que veem na multiplicidade de formas da comunicação instantânea contemporânea uma transmutação do gênero epistolar e não a preconizada morte da carta tão propalada nos últimos tempos. Conquanto exista uma distância assombrosa entre uma carta propriamente dita e um e-mail, haja vista o apagamento de elementos seminais que a produção e o envio de uma missiva exige (a caligrafia, o envelope, o papel

etc.) e embora sejam evidentes a dessacralização e a volubilidade das atuais formas de conversação, o parentesco, ainda que distante com o epistolar, é notório. Sobre esse assunto, Marcos Antonio de Moraes observa que

[...] desde sempre, neste século de tecnologias e agressivas tecnocracias, preconiza-se a morte da carta, vitimada pelo golpe da velocidade e pela premência do imediato inerentes ao telefone, ao telégrafo/telex, ao fax e, agora, ao correio eletrônico da rede de computadores. Contudo, a epistolografia permanece viva, metamorfoseando-se, ao se adaptar, na internet, ao ambiente virtual. Nesse caso, o papel, a caneta, a caligrafia, o envelope, o selo, o carimbo postal e o correio componentes da carta tradicional, são desligados dos novos multimeios e substituídos por outros como a animação e o som [...]. (MORAES, 2000, p. 1)

Este contexto de virtualidades e as intermitências de presenças e ausências humanas – o jogo de interfaces que melhor exemplifica o homem na era tecnológica – pressupõem também uma reflexão sobre o próprio papel dos estudos literários sobre essas novas configurações textuais e sobre as variadas formas de manifestação do “eu” na sociedade atual. Ao se depararem com os mais recentes meios de produção de subjetividades, os estudos comparatistas, por exemplo, seguem um curso que é muito próprio e comum à sua trajetória, isto é, o de constante questionamento do seu campo de atuação, bem como dos objetos que põe em relevo para o procedimento analítico. Em suma, trata-se de uma autorreflexão benéfica aos estudos comparados, formas de pensamento que podem alargar e ampliar o já ilimitado campo de atuação do comparatismo como um todo. Assim, acreditamos que antes de descortinar um horizonte de incertezas e de dúvidas concernentes ao seu papel na atualidade, ganha o comparatismo novas possibilidades de intervenção e de múltiplos estudos no campo das discursividades eletrônicas.

No bojo do processo de mundialização político-social e econômico e sobre uma ótica que visa ao entendimento das relações existentes entre texto, sociedade e comparatismo na atualidade, Eneida Maria de Souza e Wander Melo Miranda (1997) apresentam as seguintes considerações:

No contexto atual da globalização econômica e tecnológica, na era do capital multinacional e da sociedade pós-industrial, cabe destacar ainda que o caráter transnacional da palavra literária se articula com as novas relações intersemióticas nascidas do advento dos atuais meios de reprodutibilidade técnica e de simulação audiovisual. A perda da hegemonia do objeto literário na civilização da imagem e do espetáculo acarreta mudanças na própria constituição do texto e no seu espaço de circulação social, promovendo a necessidade de se abordar, pela via comparatista, a relação da literatura com os demais meios de comunicação ou manifestação artística. (SOUZA; MIRANDA, 1997, p. 49)

Embora haja benefícios visíveis, há, no mínimo, um fato que se evidencia, sobremaneira, no debate sobre os discursos de si entre dois indivíduos na contemporaneidade: a perda extemporânea e inescapável da prática epistolar, isto é, a confecção de cartas. A abdicação sistemática da confecção de missivas remete a prejuízos muito mais amplos que a já preocupante perda de um tipo de texto dotado de grandes particularidades. A impraticabilidade dessa tipologia textual encerra para sempre os únicos exercícios de leitura e escrita executados por determinados sujeitos sociais. Substituídas as cartas, seja pela conversação via telefone, muito rara atualmente, pela escrita trivial do correio eletrônico, por meio de aplicativos de conversas instantâneas e através de mídias sociais, as que nos restam são relíquias que jazem no fundo de gavetas, nos museus da memória e nos centros de estudos acadêmicos especializados.

Marilda Ionta (2007), em seu estudo sobre a amizade presente na correspondência entre Mário de Andrade, Anita Malfatti, Oneyda Alvarenga e Henriqueta Lisboa, tangencia a questão sobre as modernas tecnologias de comunicação e, muito oportunamente, observa o processo de apagamento do epistolar:

Tendo atingido seu auge no século XIX, as cartas entraram em declínio atualmente. Como se sabe o processo de extinção do gênero epistolar foi iniciado pela introdução do telefone e intensificado por outros “milagres” eletrônicos como o fax, a copiadora e a internet. Escrever cartas é hoje uma arte em extinção. (IONTA, 2007, p. 70)

A prática muitas vezes romântica e idealizada da feitura de uma carta, bem como toda uma possível ritualização que envolvia sua produção e seu recebimento, abre espaço para novas realidades muito mais diretas, voláteis, simples e menos interessantes.

Sobre a inequívoca certeza da inexistência da prática epistolar na atualidade, Bettiol salienta que “a carta, uma bela carta, ou pelo menos como foi concebida, longamente pensada, já não existe mais” (BETTIOL, 2007, p. 32).

Contraproducentes por excelência do ponto de vista artesanal e legítimos pelas necessidades da presente vida cotidiana, os contemporâneos meios de comunicação diluíram e consumiram uma série de traços inerentes à escrita tradicional de missivas e circunscreveram a comunicação entre os indivíduos a um marmóreo mecanicismo de arquitetura pré-pronta, lacônico e não raro ocioso, embora notadamente indispensável.

Todavia, a sintética retórica utilizada nos novos meios de comunicação instantânea não acontece por acaso, pois se trata antes de um procedimento que remonta a uma mudança no paradigma social ocidental, sobretudo no que diz respeito à concepção de individualidade e, por conseguinte, na própria produção de subjetividades. Nesse sentido, as relações sociais no domínio da amizade, por exemplo, ganham novas formas

de exteriorização bastante diversas da prática epistolar, seja no âmbito do tratamento para com o outro ou ainda na própria concepção e criação de uma nova linguagem que em quase nada se aproxima da normatividade da gramática ortodoxa. A radicalização dos códigos resumidos de escrita virtual na contemporaneidade é antes de tudo um prolongamento e uma continuidade de um processo que individualiza cada vez mais o sujeito, que envolve a noção de identidade e que se reinventa a cada dia. Sobre a questão da individualização dos sujeitos, Ionta (2007) lembra que

a escrita informal juntamente com a invenção de um código simbólico do íntimo são correlatos de uma sociedade de alcova, em que a individualidade se converteu em um valor. Por conseguinte, os deslocamentos ocorridos na escrita epistolar na modernidade também apontam mudanças significativas no exercício da amizade, pois a escrita íntima e a amizade dual privatizada compõem um tecido de dupla face; estão inseridas em um fenômeno global de intimização da sociedade. (IONTA, 2007, p. 81)

Não obstante se saiba que a perda referencial das relações sociais vivas seja apenas um problema no bojo da discussão sobre o avanço da mídia e da tecnologia na atualidade, abrem-se possibilidades explícitas sobre várias outras reflexões críticas como, por exemplo, a plausibilidade da comunicação e da manifestação individual via web para futuros estudos. Alguns livros até já apresentam compilações de e-mails trocados entre personalidades. Uma questão importante e que só o futuro responderá é que tipo de estudo se pode desenvolver a partir desses documentos. Do nosso ponto de vista, fica a certeza inequívoca de que a análise desse tipo de material ficará muito aquém de um exame desenvolvido a partir de um determinado conjunto de cartas.

Atualmente, desdobram-se em inúmeras vertentes as possíveis manifestações comunicativas de um sujeito pela internet, principalmente pelos diferentes aplicativos modernos, ou seja, uma infinidade de representações de cunho autobiográfico, identitário e memorialístico, que são jogadas no espaço infinito da rede, em detrimento da ‘escrita de si’ de cunho mais tradicional e artesanal.

Veja-se o que Ana Cláudia Viegas, em seu ensaio “A ‘invenção de si’ na escrita contemporânea”, apresenta como parte desse universo possível dentro dos espaços virtuais:

Diversas manifestações da cultura midiática se caracterizam pelo relato de experiências pessoais, cotidianas, banais e pela exposição pública da intimidade, a saber: o sensacionalismo em torno das celebridades, o crescente uso das webcams, [...] o sucesso das autobiografias, [...] os blogs. (VIEGAS, 2006, p. 11)

À obviedade muito clara de uma possível apreensão somente entusiástica e de todo positiva sobre os avanços tecnológicos e, por conseguinte, midiáticos na

contemporaneidade, sobretudo no que respeita às possibilidades da rede mundial de computadores, segue-se o ressaibo de algumas perdas e faltas na mudança do paradigma comunicativo entre os sujeitos. Se por um lado há hoje uma celeridade nas formas de comunicação, percebe-se que os diferentes meios virtuais não estabelecem uma relação tão peculiar e muitas vezes tão profunda quanto uma carta possibilita. Isso porque tanto o envio quanto o recebimento de cartas envolviam uma espécie de liturgia que beirava realmente a sacralização. O envio e o recebimento eram atos que podiam também desencadear nos indivíduos uma série de sensações cuja multiplicidade podia se desdobrar desde a mais eufórica alegria até a mais profunda tristeza, por exemplo. Além disso, o espaço de uma carta era muitas vezes o lugar da petição, da interpelação, da revelação, do perdão, do devaneio etc.

O progresso dos correios e a contínua melhora das comunicações, em determinado período da história, favoreceram, sobremaneira, o desenvolvimento do gênero epistolar. Hoje, no entanto, já se lamenta o avanço das comunicações, uma vez não há mais troca de correspondência escrita entre as pessoas.

Essa ausência da produção de cartas, leva-nos à reflexão sobre o processo de cessação desse tipo de escrita. O corte aparentemente abrupto das relações pessoais por meio de cartas, dado o substancial advento da internet, data, todavia, de tempo mais remoto. Pode-se dizer que a derrocada nos usos sistemáticos da comunicação escrita tem início com a invenção do telégrafo, passando pela abertura mercadológica e massiva do telefone residencial, pelo uso abusivo das várias possibilidades da comunicação via web e, por fim, pelo uso desordenado e neurótico do telefone celular.

Nesse sentido, há algumas considerações sobre o telégrafo e o telefone que podem ser feitas.

Se muitas vezes apenas um telegrama bastava para que a função pragmática da comunicação se configurasse, o uso esporádico desse tipo de meio de comunicação por missivistas natos indicava algumas vezes uma espécie de elo que o próprio telegrama estabelecia com a carta. Dada a rapidez de seu envio e de seu recebimento, podem-se observar casos em que o telegrama antecipava o assunto que seria desenvolvido de forma mais extensa e minuciosa em uma futura carta. Veja-se, por exemplo, o telegrama de Mário de Andrade a Alceu Amoroso Lima, de 17 de novembro de 1943: “Lastimo profundamente entristecido publicação carta Alcântara” (FERNANDES, 1968, p. 35). O texto sumariamente dá conta do assunto que seria tratado de forma mais detalhada – o imbróglio sobre a publicação de uma carta de Antônio Alcântara Machado, de 14 de novembro de 1943 – na missiva datada de 21 de junho de 1944. Em sua missiva Mário observa:

Mas lhe devo uma explicação meia chata, por entrar nela o afeto. É a mais pura das verdades que quando, logo após o primeiro instintivo assombro indignado, lendo a carta do Antônio publicada já, entrei em mim e sube, sube só por mim, que aquilo não fora publicado com o consentimento de você e resolvi lhe telegrafar, nem um segundo ou milésimo de segundo pensei nesse desgraçado [...]. (FERNANDES, 1968, p. 36)

Guardadas as suas devidas especificidades, há de se notar também uma possível aproximação entre o telegrama e as modernas mensagens via telefone celular, já que ambos têm como características básicas a economia dos caracteres, bem como a necessidade de decodificação de uma sintaxe muitas vezes desarticulada e caótica.

Por sua vez, o telefone foi, em grande medida, o verdadeiro responsável pela inércia da prática epistolar contemporânea. A conversa via telefone, se perde no instante da articulação e da propagação da palavra enunciada, irrecuperável por excelência na volatilidade de sua enunciação. Seja pela sua praticidade ou pelo conforto ao alcance das mãos, esse meio de comunicação dirimiu em parte substancial a escrita de cartas.

José Mindlin, em ensaio sobre vários missivistas cujas cartas jaziam em sua biblioteca, observa a questão da volatilidade inerente a esse meio de comunicação e em um tom de absoluto desapego ao telefone exorta o leitor à reflexão sobre o assunto e afirma:

[...] deveria dizer que só foi imbatível (a carta) até o momento de ser inventado o que eu considero seu principal adversário – O TELEFONE! – É realmente lamentável a quantidade de textos de grande interesse que certamente se perderam desde essa infernal invenção (infernal, mas um mal necessário), pois as conversas telefônicas, efêmeras por definição, não registraram informações ou pensamentos cuja leitura poderia ter sido uma fonte preciosa de conhecimento. (MINDLIN, 2000, p. 35)

Essa massificação dos meios de comunicação e, por conseguinte, o desuso continuado na produção da chamada escrita de si de cunho epistolar, leva-nos a duas conclusões. Se por um lado a correspondência do tipo mais tradicional simplesmente deixou de existir, percebe-se que há uma tendência muito grande de resgate do material já existente e à disposição daqueles que queiram estudá-lo. Assim, observa-se que o mercado editorial a cada dia lança novos títulos a respeito de um tipo de texto que é substancialmente de cunho particular, mas que, atualmente, interessa, sobremaneira, não só ao público especializado, mas também à sociedade como um todo. Sobre essa questão Ângela de Castro Gomes chama a atenção para o fato de que

cartas, diários íntimos e memórias, entre outros, sempre tiveram autores e leitores, mas na última década, no Brasil e no mundo, ganharam um reconhecimento e uma visibilidade bem maior, tanto no mercado editorial, quanto na academia. A despeito disso, não são ainda muito numerosos os estudos que se dedicam a uma reflexão sistemática sobre esse tipo de escritos

na área da história do Brasil. As iniciativas que constituem exceções provêm muito mais do campo da literatura e, recentemente, de estudos de história da educação. (GOMES, 2004, p. 8)

Não só a modalidade da correspondência escrita é ameaçada e solapada pelas variações no uso do discurso via web. A própria internet sofre de uma espécie de 'autofagia' em que os textos se transmutam em novos formatos ou até mesmo formas híbridas. Além da carta, também a escrita de si como um todo, multifacetada por uma tipologia que abrange várias tonalidades discursivas, cada uma com suas especificidades, sofre um revés. Memórias, autobiografias, diários, por exemplo, ganham novas configurações no espaço virtual e as palavras disputam o lugar com imagens e até mesmo com o vídeo, por exemplo.

Voltando à questão da comunicabilidade entre indivíduos na atualidade, percebe-se que, hoje, a instantaneidade desse tipo de procedimento, descartável em grande medida, é um fato verdadeiro e necessário, haja vista toda uma gama de mudanças nos parâmetros tecnológicos, sociais, econômicos, políticos etc. em nível mundial. A história da epistolografia, por sua vez, demonstra que há um riquíssimo material que pode e deve ser estudado e pesquisado na seara da correspondência de matiz mais tradicional à disposição. Como ressalta Emerson Tin,

durante mais de 2 mil anos, escrever cartas foi o principal meio de comunicação a distância. Assim, dizia-se que a carta tornava presentes os ausentes. É o que se pode ler nas correspondências, bem como nos diversos tratados de epistolografia que o tempo nos legou. (TIN, 2005, p. 17)

Veja-se que Emerson Tin apresenta a possibilidade de efetuarmos uma retrospectiva, por assim dizer, arqueológica que remonta a uma tradição epistolográfica de mais de dois milênios e a uma série de estudos muito específicos sobre a carta propriamente dita. Mensurar a importância cultural de todo esse material certamente é uma tarefa impossível, haja vista a singularidade de cada missiva, bem como a natureza textual multiplanar que esses textos podem apresentar.

Tão importante quanto a apresentação de uma cronologia que indica a prática epistolar em uma perspectiva milenar, o texto de Emerson Tin faz uma admirável menção a uma das características fundamentais de uma carta. Quando se pensa nos porquês da feitura de uma missiva, não se pode deixar de falar no desejo de presentificação entre indivíduos. Embora houvesse várias motivações, a escritura e o envio de cartas, de uma maneira figurada, colocavam frente a frente aqueles que, por motivos diversos, estavam distantes um do outro. Quem escrevia cartas almejava certo contato físico, um contato que transcendia a semântica do que vai escrito, algo que alcançava quase a dimensão

do toque, fosse ele um aperto de mão ou um abraço, por exemplo. Ao confeccionar uma carta, o remetente restabelecia uma relação de profunda proximidade e de intensa conversação com seu destinatário. A chamada presentificação era, pois, um dos desejos de um missivista que, distante no tempo e no espaço, ansiava talvez ardentemente por uma aproximação com o outro.

Michel Foucault, em seu ensaio sobre as epístolas de Sêneca a Lucílio, toca na questão da presentificação na prática da escrita de si e observa:

A carta faz o escritor “presente” àquele a quem a dirige. E presente não apenas pelas informações que lhe dá acerca da sua vida, das suas atividades, dos seus sucessos e fracassos, das suas venturas ou infortúnios; presente de uma espécie de presença imediata e quase física. (FOUCAULT, 2009, p. 149-50)

Essa presença e esse contato direto com o outro do qual fala Foucault, ainda que sejam efêmeros, aconteciam não só pela materialidade do documento em si ou pelo toque simbólico entre ambos os interlocutores, mas talvez, sobretudo, pela capacidade de eterização e de abstração que a carta permitia ao destinatário.

Seja pelo jogo mnemônico, pela transcendência psicológica da distância, do tempo e do espaço ou ainda pela projeção de uma situação ideal em que a história da vida se reorganiza, a carta podia ser uma via de entrada para a efetiva fruição para o passado, o presente e o futuro.

2 DA CORRESPONDÊNCIA DE MURILO MENDES PARA GUILHERMINO CESAR

No final dos anos vinte e início dos trinta, mais especificamente entre os anos 1928 e 1931, o poeta Murilo Mendes (1901-1975) manteve correspondência ativa com o também poeta e jornalista Guilhermino Cesar (1908-1993). Trata-se de um conjunto inédito de 13 missivas nas quais o poeta juizdeforano, autor do livro *Poemas* (1930), versa sobre os mais variados temas.

As cartas de Murilo Mendes caracterizam-se por certa brevidade, isto é, algumas não são muito extensas, lembrando meros bilhetes de pouca comunicação; outras, porém, são de maior fôlego, escritas com mais vagar e com maior riqueza de observações. O conteúdo das cartas é diverso e passa pelo cotidiano, pelas relações particulares e amorosas do poeta, bem como por questões de estética, crítica literária, produção poética etc.

O gênero epistolar é parte bastante importante do ramo da História chamado História Cultural, pois traz, em si, a essência daquilo que alguém, de certa forma, selecionou para contar e registrar. No caso das cartas que Murilo Mendes enviou a Guilhermino Cesar, o poeta, como qualquer remetente, necessitou escolher fatos para

contar ao amigo; essas notícias, que foram selecionadas e que foram tema das cartas, nos dias de hoje, fazem parte não só da história pessoal do remetente e do destinatário, mas, sobretudo, fazem parte da história da poesia brasileira. Dessa forma, não pertencem mais somente aos dois correspondentes que viam, nesse gênero, um meio de se comunicar no começo do século passado; hoje, dizem respeito a todos aqueles que se interessam pela poesia brasileira, por sua história, por sua memória e documentação.

Tratando-se de registro histórico devemos também atentar para o fato de que, Murilo Mendes, um dos poetas mais ricos e inquietos da literatura brasileira, não era ingênuo e tinha consciência de que, posta a palavra à tinta no papel, estava registrando e, portanto, fazendo história. Assim, compreende-se que o poeta/remetente, naquele momento, tem o poder de, por narrar os acontecimentos a partir do seu ponto de vista, mesclar a realidade com a ficção.

O epistolar, embora não seja um gênero ficcional, não rejeita inteiramente a ficção, pois, como todos os gêneros, tem sua origem no discurso humano. Ele se nutre da ficção e da realidade, segundo a vontade daquele que escreve. Bettiol afirma que “ainda que seja considerada do ponto de vista histórico, a carta, como documento, não está incólume no que se refere à ‘invenção’ ou à ‘ficção’”, e concluindo sustenta que “os documentos históricos e literários não divergem no seu estatuto de ‘criação’, isto é, não no seu estatuto de constructo, de artifício regulado por um conjunto convencional de leis ou práticas” (BETTIOL, 2008, p. 22).

A troca de correspondências formava, no começo do século passado, uma espécie de rede de sociabilidade na qual homens de letras e de ciências estavam inseridos. Por ser uma prática comum, não raramente, os intelectuais que praticavam a escrita de si através do uso de missivas sabiam que suas cartas podiam vir a se tornar públicas em determinado momento. Assim, manipulavam seus textos para que eles corroborassem a imagem que gostariam de imprimir de si mesmos em seu destinatário imediato e em seus possíveis outros leitores.

À época do início da correspondência, Murilo Mendes contava 27 anos, já não morava mais no Estado de Minas Gerais e trabalhava no Banco Mercantil, no Rio de Janeiro. Aliás, desde 1920, Murilo residia no Rio levado pelo irmão José Joaquim para trabalhar como arquivista do Ministério da Fazenda. Era uma nova tentativa da família, sobretudo do pai de Murilo, Onofre Mendes, de encaminhar o filho nas lides do trabalho formal. Essa primeira viagem marca o início de uma experiência cosmopolita e multicultural que perpassaria toda a trajetória poética e existencial de Murilo Mendes. Era o início de um trânsito intenso, de um fluxo cuja movimentação não cessaria tão cedo no âmago do

poeta, do “peregrino europeu de Juiz de Fora” como bem disse Carlos Drummond de Andrade (1902 -1987).

Mas se a viagem do poeta “em regime de noviciado ou aprendizagem” se apresentava para a família como uma boa perspectiva de futuro, para Murilo Mendes, no entanto, sua transferência para o Rio de Janeiro não era motivo de euforia, nem de alegria somente. Na crônica publicada em 18 de dezembro de 1920, por exemplo, no jornal *A Tarde*, de Juiz de Fora, Murilo noticia a sua partida aos seus leitores. Veja-se que o poeta prognostica de forma visionária umas de suas características mais peculiares, aquela que sem dúvida o acompanharia por toda a sua vida, isto é, a sua condição de peregrino nato.

Leitor ilustre... Estás de parabéns vou te deixar. Vou ver outras paisagens; a minha alma, tão nova – e já tão velha – vai viver numa cidade maior, cidade onde os cenários são de legenda e de sonho. Talvez que eu volte em breve: talvez que eu nunca volte, embalado pela nostalgia infinita de outras terras, onde mais intensamente se vive, e se sofre, e se ama... (SILVA, 2004, p. 179)

A tonalidade da crônica está mesclada com certo deboche, com um quê de modesto humor e guarda, sob o relevo da primeira leitura, um discurso que antecipa em muito as vicissitudes que o poeta enfrentaria no Rio de Janeiro. Murilo Mendes sabia de há muito, por exemplo, que seu caminho era a poesia; o trabalho burocrático, longe de ser um prazer, causava em Murilo uma profunda claustrofobia, uma sensação de não-pertencimento além, é claro, de uma grande tristeza. Para o poeta seu trabalho único não poderia ser outro além do trabalho de poetar.

Pode-se supor que a impossibilidade de um trabalho mais sistemático em relação à sua poesia produzia uma profunda insatisfação no poeta, servindo, no entanto, de vetor para a sua produção poética.

Tem-se, como exemplo, o poema *Modinha do Empregado de Banco* (MENDES, 1994, p. 95). Neste poema fica explícito o grande desgosto do poeta em relação ao seu momento profissional. Também deixa entrever uma crítica sutil e polida, porém muito mordaz, ao acúmulo de capital obsessivo em detrimento do fazer poético aparentemente impossibilitado pela faina angustiante do poeta. O poema também estabelece uma dicotomia melancólica entre dois advérbios de referencial antagônico, isto é, um “lá” representativo de um mundo ideal e no qual supostamente há o prazer possível, e um “cá” elíptico que caracteriza o desgosto profundo do poeta.

Neste primeiro deslocamento, para o Rio de Janeiro, o poeta deu início aos seus primeiros contatos artísticos. Segundo Silva (2004), “um grafito escrito por Murilo Mendes em 1964 indica o que a transferência para o Rio de Janeiro significou: ‘Neste Rio áspero físico / Nomeei-me poeta...’ (MENDES, 1994, p. 633). Do ponto de vista da autora, pode-

se perceber que o poeta mesmo se dá conta do fato de que “estar no Rio de Janeiro foi condição fundamental para ser nomeado, efetivamente, poeta. Pode-se afirmar que é o Rio o local da afirmação do poeta e da construção do intelectual” (Ibidem).

O aborrecimento e a contrariedade demonstrados por Murilo em sua poesia ficam extremamente claros, quando se pensa na vida do poeta por meio dos relatos muito pitorescos que nos chegam. Sobre esse tema, Laís Corrêa de Araújo apresenta uma anedota muriliana muito peculiar, de um escárnio que beira a genialidade e que, em grande medida, dá certa dimensão a respeito da personalidade subversiva e não ortodoxa do poeta de Juiz de Fora. Diz a autora:

Conta-se que, chegando habitualmente para trabalhar e instalando-se em sua mesa sem fazer nenhum cumprimento ao diretor, os colegas acabam insistindo em que deve dirigir-se respeitosamente ao patrão. Murilo Mendes passa então a entrar diariamente fazendo um grande gesto teatral de retirar o chapéu e curvando o corpo magro e comprido diante do cofre-forte do Banco... que considerava o seu verdadeiro patrão. (ARAÚJO, 2000, p. 14)

A atenção aos emblemas presentes no papel das cartas de Murilo também é fundamental para que possamos situar espacialmente o poeta no contexto da sua produção epistolar destinada a Guilhermino Cesar. Em suma, esses elementos são índices biográficos que podem esclarecer pontos obscuros da vida do autor de *Poemas*, corroborar alguns apontamentos já referenciados em outros trabalhos ou mesmo estabelecer um cotejo entre os elementos e as temáticas inerentes à própria poesia do poeta.

Pode-se perceber que, entre os diversos temas presentes nas cartas, há alguns que são preponderantes e recorrentes na produção epistolar muriliana da época. Além de informar a Guilhermino Cesar o noticioso acerca do seu dia a dia, tanto no Rio de Janeiro quanto em Pitangui, Murilo Mendes permeia suas cartas de um discurso peticionário e insistente no sentido de fazer com que sua produção poética viesse a lume no jornal *Estado de Minas*, jornal em que Guilhermino era o responsável pela seção literária. Nesse sentido, é o próprio Murilo quem se autoproclama, na carta de 18 de dezembro de 1930, “o colaborador do *Estado de Minas*”. Mais, as tintas irônicas e humorísticas do discurso muriliano são postas em relevo quando o poeta chama sua produção poética de “mercadorias”, por exemplo, na carta de 1 de fevereiro de 1931, dando assim um caráter um tanto quanto desimportante, mundano e meramente comercial às suas poesias.

Um assunto muito presente nas missivas de Murilo Mendes é o seu cotidiano no Rio de Janeiro. As cartas do poeta são eivadas de relatos de situações pitorescas e prosaicas no que tange aos dias de estada nessas “outras terras”. Mas antes de ser apenas um punhado de notas aparentemente desimportantes das ações corriqueiras do poeta, esse tipo de narração presente nos textos epistolares, revela muito além do que

se poderia imaginar. O poeta sobreleva, por exemplo, o caráter idiossincrático de suas relações amorosas. A figura feminina, tema tão recorrente na poética muriliana, é uma presença marcante nas cartas que o poeta enviou a Guilhermino Cesar.

As cartas de Murilo também são compostas por uma diversidade discursiva composicional que oscila entre o sarcástico-irônico e o jocoso-interrogativo, mas não só isso. O autor revela, ainda, uma intensa produção poética e, embora tenha vivido somente nos bastidores do modernismo brasileiro, fala de sua correspondência com ícones das novas estéticas como Mário de Andrade e Antonio Alcântara Machado (1901-1935), por exemplo.

Após uma infância e uma adolescência um tanto quanto rebeldes, desordenadas pelos constantes desacertos familiares, pelos inconformismos e dúvidas existenciais, a saída de Murilo Mendes de Juiz de Fora, em 1920, deu início a sua errância, seu périplo pessoal o qual só acabaria em Lisboa em 1975 com a sua morte. A partida de Murilo significou uma espécie de evocação do seu próprio “Canto do desânimo” no qual o poeta diz: “Dorme, mundo! / Estrela, deita-te aos meus pés, / tempo, some da minha memória, / infância, famílias aparvalhadas olhando para mim, / Sumi” (MENDES, 1994, 113).

Em uma definição aparentemente simples, formulada a partir da observação do direito segundo a terra e do direito segundo o sangue, Kristeva (1994, p. 100) apresenta-nos um conceito de estrangeiro. A estudiosa caracteriza esse sujeito como “Aquele que não faz parte do grupo, aquele que não ‘é dele’, o outro”.

Nesse sentido, poderíamos qualificar o poeta como o estrangeiro *sui generis*, aquele que pelas palavras do eu-lírico diz “me insinuarei nos quatro cantos do mundo” (MENDES, 1994, p. 116), o estrangeiro que, segundo as palavras de Julia Kristeva, está “sempre em outro lugar, o estrangeiro não é de parte alguma” (1994, p. 18). Vivendo no Rio de Janeiro, local para o qual se mudara, a fim de trabalhar com o irmão José Joaquim, longe do olhar de seus familiares, Murilo Mendes parece desfrutar de um livre-arbítrio e de certo isolamento nunca antes experimentados, fato que, em parte, explica sua larga e intensa produção à época. Ainda, segundo Kristeva,

livre de qualquer laço com os seus, o estrangeiro sente-se “completamente livre”. O absoluto dessa liberdade, no entanto, chama-se solidão. Sem utilidade ou sem limite, ela é tédio ou disponibilidade supremos. [...] Disponível, liberado de tudo, o estrangeiro nada tem, não é nada. Mas está pronto para o absoluto, se um absoluto que pudesse elegê-lo. (KRISTEVA, 1994, p. 19 – 20)

Nesses momentos de deambulação, talvez Murilo experimentasse uma espécie de felicidade. Kristeva (1994, p. 12) destaca que, no caso dos estrangeiros, a felicidade se liga a uma errância: “A felicidade estranha do estrangeiro é a de manter essa eternidade em fuga ou esse transitório perpétuo”.

Sobre o homem moderno, diz Assmann:

Este se despede dos poderes arcaico-instintivos e despreza uma estrutura valorativa que se apoia em idade, duração e continuidade. Se o ser humano quer realizar em si os potenciais civilizadores disponíveis, deve ser suspenso o parentesco entre homem e local, o afetivo deve ser cortado, a magia do solo, vencida. (ASSMANN, 2011, p. 321)

Pode-se supor, então, que Murilo Mendes, em suas andanças pelas cidades e pelo mundo, estabeleceu, com sua errância, um *modus vivendi* no qual ficou demonstrada a felicidade do desenraizamento, do nomadismo do homem moderno.

3 PALAVRAS FINAIS

Embora pareça evidente, uma carta está relacionada apenas aos indivíduos que estão efetivamente envolvidos na troca epistolar, ou seja, o remetente e o destinatário. O ato de enviar correspondência implica, entre outras coisas, mensagens que podem conter segredos, revelações, confidências, discordâncias, e assim por diante. São documentos estritamente pessoais e particulares que, inicialmente, não têm como alvo a sociedade em geral. Sob essa ótica, é compreensível o motivo pelo qual as cartas eram seladas e colocadas em um envelope que só podia ser aberto pelo destinatário. Segundo a autora d'*A epistolografia em Portugal*, trata-se de mais um traço essencial e particularizante do epistolar, isto é, o *segredo*, “o aspecto confidencial ou secreto da mensagem” (ROCHA, 1965, p. 21).

Um estudo sobre cartas necessita, sem exceção, de uma análise filosófica sobre questões éticas e morais relacionadas à divulgação e publicação das correspondências alheias. Ou seja, é necessário questionar com que justificativa penetramos em um espaço claramente pessoal e por que razão, por vezes, com crueldade arbitrária, expomos uma ampla gama de confidências privadas dos remetentes das cartas, indivíduos que talvez não desejassem uma exposição tão completa de suas palavras escritas.

Em geral, as cartas de escritores desconhecidos não despertam interesse, principalmente porque os textos não são originários da caligrafia de uma figura célebre. Por outro lado, as correspondências de um autor reconhecido ou de uma pessoa pública de destaque são objetos de fascínio e investigação sobre as experiências do indivíduo por trás da fama, aquele que vive à sombra do autor mitificado. Uma carta tem o poder de humanizar de maneira significativa a figura do autor, trazendo-o para o grupo dos seres humanos comuns e revelando-o de forma mais transparente, com todas as suas dificuldades, angústias, aspirações e necessidades individuais. Nesse sentido, o glamour e a mistificação de um mundo ideal, o mundo do escritor, são dissipados em favor de um

universo mais terreno e menos idealizado, no qual a vida não é uma idealização, mas sim uma realidade.

Segundo Rocha, a publicação das cartas de um autor,

[...] favorece a ilusão dum convívio com o artista que se admira. O leitor compraz-se em confrontar o gênio com o homem comum que lhe serve de suporte e se revela sem reticências na sua correspondência. Procura saber como ele reagia às solicitações do dia a dia, e o que diz a propósito dum aniversário, dum inimigo, duma mulher ou duma doença. (ROCHA, 1965, p. 22)

Se por um lado a publicação das cartas de um autor representa uma espécie de invasão da sua intimidade, revelando, muitas vezes, situações de precariedade psicológica ou até mesmo financeira, por outro, em grande medida, as cartas têm o poder de vivificar a obra do autor como um todo, servindo, algumas vezes, como antessala, pórtico ou complemento das próprias obras literárias. Um conjunto epistolar representa ainda uma forma muito significativa de resgate da memória de um determinado autor e pode ainda revelar fortes traços biográficos sonogados ou até mesmo omitidos em outros tipos de textos. Além disso, o estudo de missivas de um prosador ou mesmo de um poeta permite não só um maior conhecimento sobre o remetente das cartas, mas caracteriza-se pela possibilidade de se tangenciar aspectos da obra e da vida de outros personagens que eventualmente façam parte da correspondência.

Portanto, é importante destacar que o estudo da correspondência ativa de Murilo Mendes para Guilhermino Cesar vai muito além do único aspecto mencionado aqui. Ele possui uma relevância monumental não apenas por enriquecer a biografia do poeta das metamorfoses e contribuir para o entendimento do modernismo brasileiro, mas também por ser uma fonte rica de pesquisa sobre a vida de figuras proeminentes da literatura e cultura brasileira da época, como Guilhermino Cesar, Francisco Inácio Peixoto, Rosário Fusco, Tristão de Ataíde, Mário de Andrade, entre outros.

As cartas deste conjunto revelam as questões que permeavam a criação literária, a sociedade e a cultura brasileiras no final dos anos vinte do século passado. Conforme observado por Tania Carvalhal, as cartas de Murilo “não nos levam apenas a seu destinatário, ou ao periódico onde os poemas se publicam, mas à poesia brasileira, ao momento vivido e ao conjunto de sua obra onde os poemas remetidos nas cartas são presença dispersa e por vezes ausência” (CARVALHAL, 2003, p. 61).

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Laís Corrêa de. **Murilo Mendes: ensaio crítico, antologia, correspondência**. São Paulo: Perspectiva, 2000.

ASSMANN, Aleida. **Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2011.

BETTIOL, Maria Regina Barcelos. **A escritura do intervalo: a poética epistolar de Antonio Vieira**. Tese (Doutorado em Literatura Comparada) – Porto Alegre: UFRGS, 2007.

CARVALHAL, Tania. Cartas e Poemas de Murilo Mendes: breve notícia. **Scripta**, Belo Horizonte, v. 6, n. 12, p. 55-61, 1. sem. 2003.

FERNANDES, Lygia, org. **Mário de Andrade escreve a Alceu, Meyer e outros**. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1968.

FOUCAULT, Michel. **O que é um autor?** Lisboa: Nova Veja, 2009.

GOMES, Ângela de Castro (Org.) **Escrita de si, escrita da história**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

IONTA, Marilda. **As cores da amizade: cartas de Anita Malfatti, Oneyda Alvarenga, Henriqueta Lisboa e Mário de Andrade**. São Paulo: Annablume; FAPESP, 2007.

KRISTEVA, Julia. **Estrangeiros para nós mesmos**. Trad. Maria Carlota Carvalho Gomes. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

MENDES, Murilo. **Poesia completa e prosa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

MINDLIN, José. Cartas, para que vos quero? In. GALVÃO, Walnice Nogueira; MORAES, Marco Antonio de. Cartas, um gênero híbrido e fascinante. **Jornal da Tarde**, Caderno de Sábado. São Paulo, 28 de outubro de 2000.

ROCHA, Andrée Crabbé. **A epistolografia em Portugal**. Coimbra: Livraria Almedina, 1965.

SILVA, Teresinha Vânia Zimbrão (Org.) **Chronicas mundanas e outras crônicas: as crônicas de Murilo Mendes**. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2004.

SOUZA, Eneida Maria de; MIRANDA, Wander Melo. Perspectivas da Literatura Comparada no Brasil. In. CARVALHAL, Tania Franco (Org.) **Literatura comparada no mundo: questões e métodos**. Porto Alegre: L&PM, 1997.

TIN, Emerson. **A arte de escrever cartas: Anônimo de Bolonha, Erasmo de Rotterdam, Justo Lúpsio**. São Paulo: Editora da Unicamp, 2005.

VIEGAS, Ana Cláudia. A “Invenção de si” na escrita contemporânea. In. JOBIM, José Luís; PELOSO, Silvano (Org.) **Identidade e literatura**. Rio de Janeiro: Roma de Letras/Sapienza, 2006.

SOBRE O ORGANIZADOR

Luis Fernando González-Beltrán- Doctorado en Psicología. Profesor Asociado de la Facultad de Estudios Superiores Iztacala (FESI) UNAM, Miembro de la Asociación Internacional de Análisis Conductual. (ABAI). de la Sociedad Mexicana de Análisis de la Conducta, del Sistema Mexicano de Investigación en Psicología, y de La Asociación Mexicana de Comportamiento y Salud. Consejero Propietario perteneciente al Consejo Interno de Posgrado para el programa de Psicología 1994-1999. Jefe de Sección Académica de la Carrera de Psicología. ENEPI, UNAM, de 9 de Marzo de 1999 a Febrero 2003. Secretario Académico de la Secretaría General de la Facultad de Psicología 2012. Con 40 años de Docencia en licenciatura en Psicología, en 4 diferentes Planes de estudios, con 18 asignaturas diferentes, y 10 asignaturas diferentes en el Posgrado, en la FESI y la Facultad de Psicología. Cursos en Especialidad en Psicología de la Salud y de Maestría en Psicología de la Salud en CENHIES Pachuca, Hidalgo. Con Tutorías en el Programa Alta Exigencia Académica, PRONABES, Sistema Institucional de Tutorías. Comité Tutorial en el Programa de Maestría en Psicología, Universidad Autónoma del Estado de Morelos. En investigación 28 Artículos en revistas especializadas, Coautor de un libro especializado, 12 Capítulos de Libro especializado, Dictaminador de libros y artículos especializados, evaluador de proyectos del CONACYT, con más de 100 Ponencias en Eventos Especializados Nacionales, y más de 20 en Eventos Internacionales, 13 Conferencia en Eventos Académicos, Organizador de 17 eventos y congresos, con Participación en elaboración de planes de estudio, Responsable de Proyectos de Investigación apoyados por DGAPA de la UNAM y por CONACYT. Evaluador de ponencias en el Congreso Internacional de Innovación Educativa del Tecnológico de Monterrey; Revisor de libros del Comité Editorial FESI, UNAM; del Comité editorial Facultad de Psicología, UNAM y del Cuerpo Editorial Artemis Editora. Revisor de las revistas "Itinerario de las miradas: Serie de divulgación de Avances de Investigación". FES Acatlán; "Lecturas de Economía", Universidad de Antioquía, Medellín, Colombia, Revista Latinoamericana de Ciencia Psicológica (PSIENCIA). Buenos Aires, Revista "Advances in Research"; Revista "Current Journal of Applied Science and Technology"; Revista "Asian Journal of Education and Social Studies"; y Revista "Journal of Pharmaceutical Research International".

<https://orcid.org/0000-0002-3492-1145>

ÍNDICE REMISSIVO

A

Adubação orgânica 396

Adulto mayor 413, 414, 415, 416, 417, 418, 419, 422, 426, 427

Agroecologia 396

Alteración de la consciencia 57, 58, 59, 63, 66, 67, 68, 69, 71, 74, 75, 76, 80, 81, 82, 86

Antropología cultural 368, 374

Araxá 103, 104, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 122, 124, 127, 129

Arquivos judiciais 103

Autoria 160, 162, 167, 168, 169, 171

B

Blog o Bitácora 196, 249

C

Cambio climático 209, 226, 245, 324, 325, 326, 327, 335, 343, 379, 380, 381, 385, 386, 387, 388, 390, 392, 393

China 101, 340, 341, 343, 344, 345, 346, 347, 348, 385, 433

Ciclagem 396

Ciência da Informação 349, 350, 351, 352, 363, 364, 367

Cinefilia 147, 148, 149, 152, 153, 155, 158, 162

Cinema 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 167, 168, 169, 170, 171, 172

Cientes 305, 312

Código de Ética 350, 356, 363, 364, 366, 367

Compreensão da leitura 257, 258, 259, 260, 262, 265, 266, 267, 268, 269, 270, 271, 272, 273, 274

Construção de crise 36

Cooperación 21, 219, 340, 341, 343, 344, 348

Correspondência 131, 132, 134, 136, 137, 138, 139, 140, 143, 144, 145, 213

Cotidiano 53, 131, 132, 139, 142, 280

Cristianismo 1, 7

Cultura turística 368, 371, 372, 373, 375, 376, 377, 378

Curriculum oculto 276, 277, 278, 279, 280, 281, 282, 283, 284, 286, 289, 290

D

Desarrollo emprendedor 310, 313, 334

Desarrollo sostenible 248, 310, 315, 316, 317, 320, 323, 324, 325, 326, 327, 335

Digitalização 147, 148, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 160, 161, 162, 163, 167, 168, 169, 170, 171

E

Ecosistema del emprendedor 291, 292, 293, 297, 298

Ecuador 1, 2, 3, 4, 10, 11, 59, 85, 90, 198, 291, 292, 293, 299, 300, 301, 302, 303, 336, 341

Educación 6, 13, 30, 31, 89, 91, 183, 189, 190, 194, 198, 199, 203, 205, 211, 212, 215, 218, 230, 234, 236, 238, 239, 243, 251, 252, 253, 254, 255, 276, 278, 281, 289, 290, 296, 297, 300, 301, 302, 303, 310, 311, 313, 339, 342, 344, 345, 368, 369, 370, 371, 376, 378, 414, 418, 427, 428, 429, 432

Emotional abuse 93, 97, 98, 99, 100

Emprendimiento 182, 184, 185, 188, 189, 192, 292, 293, 294, 295, 296, 298, 299, 300, 301, 302, 310, 311, 312, 313, 314, 315, 316, 317, 318, 319, 320, 323, 326, 328, 329, 330, 331, 332, 333, 335, 336, 337, 338, 339

Ensayo fotográfico 430, 431, 433

Ensino explícito 257, 258, 259, 271, 274

Envejecimiento 413, 414, 415, 418, 427, 428

Espírito empreendedor 186, 292, 312, 314, 318

Estancia 413, 414, 421

Ética e deontologia da Informação 350, 355

Extensão rural 395, 396

F

Formación turística 368

Formal learning 173, 177

Fotografía participativa 429, 430, 432, 433, 436

Fotografía sensorial 429, 430, 431, 433

G

GEI 379, 380, 381, 382, 383, 384, 385, 388, 390, 392, 393

Guilhermino Cesar 131, 139, 142, 143, 145

Guyana 340, 341, 342, 343, 344, 345, 346, 347, 348

H

Historia do Brasil 103, 138

Horticultura 396

I

Impacto económico del turismo 368

Impunidade 18, 57, 58, 59, 70, 74, 79, 80, 81, 82, 85, 86, 87

Informal learning 173, 174, 176, 177, 179, 180

Informal organizational learning 173, 174, 176, 177, 178, 179

Inovación 182, 184, 185, 186, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 251, 291, 292, 293, 294, 296, 298, 299, 300, 301, 302, 303, 312, 313, 314, 315, 317, 318, 321, 322, 323, 324, 326, 329, 330, 331, 333, 334, 335, 336, 341, 368, 426, 427

Inovación empresarial 292, 303

Interculturalidad 1

Inversiones 314, 321, 325, 326, 340, 342, 343

L

Leitura 134, 137, 141, 257, 258, 259, 260, 261, 262, 263, 265, 266, 268, 269, 270, 271, 272, 273, 274, 275

LGBTQ+ community 93, 95, 96, 97, 98

Literatura epistolar 131

M

Materiales didácticos 196, 249

Mejora continua 193, 305, 309

Misiones 1, 10, 11

Murilo Mendes 131, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146

N

Negocios 42, 88, 127, 184, 291, 292, 293, 294, 299, 300, 301, 302, 303, 310, 311, 312, 313, 314, 315, 316, 320, 324, 325, 326, 327, 329, 330, 332, 335, 336, 337, 338, 339, 340, 355

O

Oficinas de Transferencia 182, 194

Organizational learning 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181

Organization development 173

P

Pensamiento estratégico 292
Perdurabilidad de emprendimiento 310
Philippines 93, 94, 97, 98, 100, 101, 102
Photovoice 430, 431, 432, 437
Physical abuse 93, 98, 99, 100
Políticas públicas 13, 25, 31, 35, 36, 37, 38, 39, 43, 44, 53, 56, 189, 310, 312, 313, 314, 319, 323, 324, 334, 371, 376, 397, 426, 427
Potencial turístico 368, 376, 378
Premeditación 57, 74, 82, 84
Prevalence of abuse 93, 94
Programa de intervenção 257, 258, 266
Propostas reformistas 36, 37, 38, 39, 40, 45, 48, 51, 54

R

Reforma trabalhista 35, 36, 40, 42, 43, 44, 45, 49, 50, 51, 55, 56
Rehabilitación Basada en Comunidad (RBC) 430
Representaciones sociales 276, 285, 286, 287, 288, 289
Responsabilidad penal 57, 59, 60, 62, 63, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 84, 86, 87, 88
Restaurio 148, 156, 160, 163, 164, 165, 166, 167, 169, 170, 172

S

Sesmarias 103, 104, 112, 123, 126, 130
Sexual abuse 93, 96, 99, 100
Sitio Web 195, 196, 249
Sostenibilidad 30, 183, 188, 193, 310, 311, 316, 317, 318, 319, 321, 322, 324, 325, 326, 327, 329, 330, 331, 333, 334, 337, 368, 376, 378

T

Tecnologia 6, 135, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 157, 158, 182, 184, 185, 187, 188, 189, 190, 192, 193, 210, 211, 251, 253, 275, 298, 314, 315, 317, 321, 322, 329, 344, 349, 353, 363, 368, 379, 380, 390, 391, 392, 393, 395, 407, 412
Tipos de emprendimientos 310, 326, 327
Transferencia de tecnología 182, 184, 187

Transformação digital 350, 352, 353, 365

Transporte urbano 305, 309

Triângulo Mineiro 103, 104

U

UAQ 182, 183, 184, 185, 186, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194

Úlceras 413, 414, 420, 421, 422, 425

W

Waorani 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11

Web 2.0 196, 249

WebQuest 195, 196, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 209, 211, 212, 213, 215, 216, 217, 218, 219, 220, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 229, 230, 233, 234, 235, 236, 237, 238, 239, 240, 241, 242, 243, 244, 245, 246, 247, 248, 249, 250, 251, 252, 253, 254, 255, 256